

## *A vida extrema: un PoeMário, fim de ciclo e romantismo*

**Ernesto Vázquez Souza**

### **Formas de citación recomendadas**

#### **1 | Por referencia a esta publicación electrónica\***

VÁZQUEZ SOUZA, ERNESTO (2011 [2007]). “*A vida extrema: un PoeMário, fim de ciclo e romantismo*”. *Agália*: 89-90, 195-212. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/206>>.

#### **2 | Por referencia á publicación orixinal**

VÁZQUEZ SOUZA, ERNESTO (2007). “*A vida extrema: un PoeMário, fim de ciclo e romantismo*”. *Agália*: 89-90, 195-212.

\* Edición dispoñíbel desde o 25 de xaneiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

## ***A vida extrema: um PoeMário, fim de ciclo e romantismo \****

Ernesto Vázquez Souza

E digo o meu adeus  
final  
definitivo  
aos meus anos frondosos  
verdecentes  
que asombreada a beira do caminho  
Mais ùha vez  
Só ùha...  
A derradeira!

(E. Guerra da Cal, *Rio de sonho e tempo*)

### **I. Crónica de Nós.**

Direi antes de começar que eu devo ao Mário Herrero muitas desculpas, e talvez depois disto deva ainda mais uma. Mas ousarei de chamar romântica (neo-romântica se me apurais e perfeitamente consequente com estes tempos de invernã humanística, de burrice e barbárie provinciana que correm) a *Vida extrema* dos seus anos moços.

Que outra cousa chamar ao nómada que se invoca a si mesmo e se nos desgarras, despentador e despenteado, perversor de versos e prosas de outros, a mão direita na frente demudada, na mão esquerda as folhas de verso fresco, o rosto pálido e a gargalhada Byroniana no passeio ao vento Orçã ou obscuro e suspeito atrás das janelas, em tarde de chuva para chá ou porto, poema a poema em desafio?

Libertário e raivoso apresenta-se-nos (ocultando com a ironia – que se atira sobre o seu ventre imenso, óculos grossos e pés cansados – as suas prateleiras ateigadas de livros lidos) neste fim de trilogia poética. Mas, neste longo voo, há muito iniciado, polos espaços da fome, da miséria e

---

(\*) Este texto foi originariamente escrito para um foro do Portal Galego da Língua. É uma crítica muito subjectiva e imita respeitosa e literariamente o alto estilo de Ramón Otero Pedrayo quando no seu discurso de ingreso na RAG comentou magistralmente Pastor Díaz em contexto, genial e intuitivamente Rosalia de fraga e jardim e intensa e extraordinariamente Pondal.

da memória solidária e anseiosa de liberdades impossíveis, o poeta deixa finalmente o seu tobo subterrâneo, a sua frágua primigénia de sombras. Este poemário é fim de ciclo, final de foguetaria e luz após um cento de bombas de palenque e uma surpresa delongada em cavalgada de palavras e sonoridades fascinadoras.

Cá está concentrada toda a épica escura e discreta do Mário Herrero, admastórica, soberba e um bocadinho inesperada: o bater de asas poderosas do anjo negro, que saúda amável, que pede permissão para se sentar elegante à nossa mesa. Cá estão de novo, como nos dous anteriores poemários, Walter Benjamim, Foucault, Bourdieu e todos os pesadelos republicanos da sócio-filosofia linguística francesa. Cá as cidades arrasadas polos Vampiros especuladores que cantava o José Afonso, as esterqueiras e muros urbanos contra os que se mija raiva e trouxa impotência, os ídolos pagãos, os malditos e poetas que acompanham como os negros cães da desesperança, os feros corvos do Jalhas e as aves carniceiras das areias infindas, todo o malandro que compartilha passagem com o bardo que caminha. Cá a noite que inunda a revolução, os desiludidos revolucionários que se dispersam com as primeiras neves nas tempas. O Velho da Montanha que nos albisca desde a sua atalaia de pedra. Heroína, capital, morte e língua morta, que se enxerga desiludido o mundo em desconcerto.

Página após página não se concede trégua. Manam as palavras, e os versos doem, afiados numa geometria implacável que não perdoa a emoção. Rompem-se as formas clássicas logo que apontam, perseguem-se como se torturassem. Tornam-se, as palavras mais doces, sugadas com degoiro em tempos mais felizes, cascas de laranja – ai Simbad – na lama dos esgotos. As bibliotecas, os livros amados, a beleza, o herói mesmo naufraga com uma estratégia de derrota entre os amargores diários.

E dizes morte  
e eu compreendo  
criação do poema  
excremento das alimárias  
que percorrem o teu corpo (poema 24, p. 32)

“No Limiar do silêncio”, 1999, (não por nada também intitulado “Poemas da estrangeirice”) empreendia-se dum jeito poético a constatação do eu, embebida a escrita num processo de explicação, perplexo entre o silêncio e a construção do verso (postura tão radical quanto comum a toda a literatura galega, desde *Folhas Novas*) como manifestação da dupla tensão social e linguística.

Em “Cartografia da Atrocidade”, 2001, sistematizava-se e descrevia-se, num mapa de espanto, a aniquilação da humanidade e do humanismo. Os mortos ainda frescos na retina das Guerras da antiga Jugoslávia (que apenas eram o início desta nova vaga de fascismo e barbárie com que se iniciou em pesadelo o século XXI). A condição e o reconhecimento poético como parte (privilegiada) das minorias – esse era o pacto autorral – permitia que o levantamento das curvas de nível feitas com cadáveres e esterco humano, que os rios de sangue, as fronteiras de línguas-estados-nações-exércitos, tivessem um detalhe alucinatório.

Prolongando este ciclo reverberam muitos versos na “Vida extrema”, mas agora as palavras estão mais justas, são menos e mais precisas. A voz é mais própria, abandona-se a citação erudita “epatadora” e de referência (a que tão dados foram os poetas do seu circo formativo na Crunha) em prol de uma subversão descarada da autoridade, cunqueiriana e ironista.

A poesia e palavra do Mário produzem um verso livre de palavras concretas, alheio a toda a música clássica, como obra dum poeta surdo. Recursos aparentemente simples, com que se lavra um fundo propositamente alienante. Contrariamente à tradição obscurantista e metaliterária, ao preciosismo léxico e altura lírica a que nos acostumou a literatura galega desde os 80, estes poeMários conformam uma épica escura de composição atonal que – para o leitor inadvertido – pode resultar às vezes excessiva e brutal, porém agacha uma profunda e tenra tristura geracional que há que reinterpretar.

A contrário das duas anteriores gerações intelectuais, a do Mário, a minha, viu-se obrigada a prolongar – causas sociais e económicas que algum dia haverá que estudar e explicar – demais a etapa formativa (eu diria a adolescência). Estudamos, como num pesadelo, nuns centros educativos escuros, sem livros (nem para comprar), sem internet, nem bibliotecas, sem docentes, nem espaços. Chegamos a término, primeira geração maciça de estudos superiores na história social e familiar, com mérito os nossos percursos académicos e também não havia estrutura laboral. A língua não estava nem minimamente restaurada, a história não estava encaminhada, não estavam as instituições nem as plataformas civis e culturais que nos prometeram ao longo de toda a infância e adolescência. E o que é mais grave, não estavam preparadas as plataformas nacionais, que nos permitissem desenvolver o trabalho laborioso e gris para construir as bases em que estruturar Galiza.

Aguardando polas estruturas e plataformas prometidas em que desenvolver o trabalho técnico e discreto para o que estávamos prepara-

dos, esperando a voz de mando dos nossos maiores passaram anos. Tantos, e em condições tão alienantes (kafkianas) a respeito da própria consecução dos objectivos vitais como a respeito da incapacidade de ocupar – éramos muitos – qualquer oco – que não houve nem para os menos – entre as classes técnicas quanto dirigentes.

Encontramo-nos sem muita saída. Com uma bagagem que se não correspondia com os discursos escolares e nacionais, primeira geração também desde a de 1910-20 em ser educada parcialmente em valores civis, em que fomos escolarizados em tempos em que as mensagens mantinham certa ilusão humana e civil. A Transição de roupas grisalhas, castanhas, frio de azulejos e cozinhas maternas, transístores e bakelitas e plásticos que ardiavam mouros. Cenários estranhos para uma pauta de valores modernos e competitivos no laboral, no civil, no político, no social... que descobrimos muito mais tarde que apenas eram, pois progrediram doutro jeito, como a mesma farsa transitiva e pequena da nossa infância, palavras ocas que defendiam os interesses e heranças das classes dirigentes, palavras que dissimulavam o terror a um passado brutal e um estado de espanto permanente dominador, incivil, bárbaro, castrense, machista, feixista e ultra católico.

Desejando “a pureza que se nos negou” “no tempo dos cabrões”, ficamos engrunhados, complexos, desesperados, com formações que de nada serviam. E houve de reinventar-se, entre salários mínimos e trabalhos vários e precários. Conscientes, entanto do nosso status de privilegiados, que apenas as nossas tragédias foram ridículas e incruentas. A de vezes que me tenho espantado ao perceber a alegria ridícula com que se sacrificaram gerações inteiras, como apenas somos carne de canhão, objectos prescindíveis na logística incapaz e trapalheira dos poderosos. Espanta e doe ainda perceber a chacina humana e estrago de 1898 em Cuba. Através de Barbusse, Rolland, Remarque, Glaesche, Graves, ecoam as esperanças como ondas assaltantes ante metralha que caíram nas trincheiras da mais absurda das guerras. Na imprensa, nas páginas de Sender ou Bem-cho-Shey a de moços que se encontraram em 1909, em 1921, sem víveres e sem munições, contra a própria vontade nas secas areias dum “protectorado” colonial do que apenas surgiu morte, corrupção e a Espanha mais escura... E a Guerra hispânica e brutal, e a miséria que os nossos pais herdaram na ossamenta. Protestamos, mas ainda sorte tivemos.

A estas alturas do filme, vejo que somos incapazes de compreender os que nos precederam, também diferentes dos que seguiram e se adaptaram à “normalidade” reconstruída que ajeitou belamente a pós-moderni-

dade. Absolutamente incomunicados com os que nasceram vinte anos antes de nós e tinham de ser os nossos mestres.

Isto tudo provocou uma sensação de desespero. “Mares imensos de impotência”. Mais, porquanto a analítica e os modelos (humanos, filosóficos, literários, poéticos, sociais, estéticos que procurávamos) eram errónea e infelizmente os do individualismo teatreiro e egoísmo feroz, que nos oferecia e oferece a cândida, genial e depredadora geração precedente. Constituída por brilhantes vultos, deslumbradores em capacidade, vontade e erudição mas terrivelmente marcados pelo trauma estéril do franquismo (que muitas vezes se revela ainda na aparente esquerda em fugaz gesto fascista e outras em marcado autoritarismo na concepção do mando caciquil capaz de qualquer represália ante a mínima rebeldia) e contra o galeguismo mol, antinacionalista e covarde da pós-guerra.

Mas isto, que para muitos foi assumido como fracasso pessoal (que provocou uma verdadeira erosão do seu espírito e atitude individual) para outros de nós (que nos debruçamos na teoria social e na análise da linguagem e dos grupos de poder) foi uma tragédia colectiva prematuramente aceite como fado. Refugiamo-nos em nós e enchemos as nossas prateleiras de livros e papéis como barreira.

os que comigo estão  
certificando sem piedade a catástrofe  
da minha vida, em burla de drama,  
em comédia menor mas com língua de deuses. (poema 20, p. 28)

Ele, o Mário, é uma casta de nómada por acumulação de muitos curtos trajectos. Na sua poesia ecoa um caminhar extáticos dia e dia, noite e noite por uma paisagem urbana, familiar para mim e impregnada de água, com cheiro a cadáveres e sargaços de silêncio que Urbano Lugrís (gris e azul e verde como é a Crunha em inverno no meu recorde de aquário) deixara pendurada como marco do horizonte e que foi apodrecendo nos anos que Francisco Vázquez, como rei absoluto e estragador, foi destruindo, devorando.

Acho que muito há dessa adolescência prolongada, de dias estranhos e grisalhos, “de mestres, de línguas menores e paixões mínimas”, de tardes longas e valeiras, de noites em conversa, álcool, história e poesia, “de olhos de anho por mulheres sem alma, por homens sem voz lágrimas de sexo” e de espelhos matutinos que vão marcando a derrota, de entrevistas, submissões pressentidas, deserções, canalhadas, desespero, estupor e cicatrizes. Ausência de trabalho, esperança, companhia, discurso e pão.

Por isso também, neste poemário que coroa ciclo, sinto também o início de outra voz que domina a de João Valeiro. Uma sem tutela, sem mestres, sem lastres, sem rancores.

Saímos do mato, em que entramos há muito tempo ao extravio, sentindo-nos como velhas engrunhadas. Saímos no tempo que *il Dante* marcou para entrar. Isso levamos ganho. Aos poucos, chegamos de caminhos escuros. Mas somos muitos, pois a nossa geração foi larga. E saudamos agora, sem rancores nem invejas, pois nós não somos heróis, nem elites nacionalistas, apenas – isso sabemos – também mesmo que nem nacionalistas somos, nem povo proletário. Apenas nação. E temos o olhar torvo e o interior assassino dos cidadãos quando fazem assembleia para reclamar os seus direitos.

Por volta dos últimos anos, observo com atenção estas cousas à beira do caminho. Percebo agora ao Mário sentado por aí perto, enquanto muitos outros montam pequenos acampamentos admiráveis arredor. Isso é bom pois o lume é princípio de civilização e guia para os muitos extraviados e merodeadores de muita idade que povoam Sherwood. E vejo os adolescentes passarmos a maturidades estranhas, sem termos percorrido os instantes solares da mocidade. Os que saímos do mato (orelhas, fazulas, mãos cicatrizadas, ossos rotos, ventres brandos, neve nas tempas, carecas mesmo e enrugados) apresentamos uma maturidade criativa, esperançada e expectante imprópria da nossa idade.

Eu sou nómada, por obriga, as minhas raízes escuras ficam encravadas em poucos metros de mar a mar, verde, gris e azul com torre ao fundo. Os anos vão entupindo a elasticidade que parecia infinita. A tensão está no limite e chama para voltar.

Enquanto vou saudando outros nos seus acampamentos de inverno, aguardo, muitos aguardamos, as vindouras palavras como armas do Mário.

## II. O poemário

Yo soy como el fracaso total del mundo, ¡oh, Pueblos!  
El canto frente a frente al mismo Satanás,  
dialoga con la ciencia tremenda de los muertos,  
y mi dolor chorrea de sangre la ciudad.

Aún mis días son restos de enormes muebles viejos,  
anoche «Dios» llevaba entre mundos que van  
así, mi niña, solos, y tú dices: «te quiero»  
cuando hablas con «tu» Pablo, sin oírle jamás.

El hombre y la mujer tienen olor a tumba,  
El cuerpo se me cae sobre la tierra bruta  
Lo mismo que el ataúd rojo del infeliz.

Enemigo total, aúllo por los barrios,  
un espanto más bárbaro, más bárbaro, más bárbaro  
que el hipo de cien perros botados a morir.

(Pablo de Rokha)

### Parte I. Morreremos lentos.

Entre uma experiência sentida como extrema, e a metafísica social do espanto surge o bardo.

\*\*

Ocuparão os jardins  
Com fotografias velhas dos avós...

Otero Pedrayo, no seu fascinador discurso de ingresso na RAG em falando de Rosália se desborda um cento de linhas em comentário sobre o jardim de paço abandonado com que a alta senhora enquadra as suas *Folhas Novas*. Não é mal invite para primeiro poema: brinquedos rotos, ossamentas, silêncios, heróis dum tempo que passou, *jardins umbrios*, pequenos quartos, labirintos, uma casa, ancoradoiros. Valle, Manoel António. Morreremos lentos.

\*\*

Agora o corpo é como essa casa  
de madeira quebrada, as traves caídas...

Fantasmas, móveis velhos, morte e fantasmas. Arcas velhas e fechadas que ocultam apenas o ar corrupto dos fossados de Poe e Lovecraft.

Quando era adolescente,  
era frágil e era falso  
nisso muito não mudei,  
mas agora as sombras  
têm outros cheiros.

Dinheiros que se têm absurdos nas mãos, frágil e falso, perene de orfandade. Adorável, directamente de abraçar e bicar na boca em borra-cheira, num bar de bairro conhecido doutras copas e outros versos que se não leram, em ares próximos de Orçã podre de óleo azul de Lugrís com mudança de vento nordês e cheiro (omni) presente de vertedoiro lacuru-ñesista de Vázquez, como aviso da barbárie.

\*\*

É uma criança diminuta  
talvez uma árvore.  
[...]  
Uma posição política,  
pola primeira vez na minha vida  
uma posição política

Um acto terrorista: sim. Pior ainda: Uma paternidade. Um desejo impertinente. Um acto de guerra. Os dias que se passam enquanto um perde a sua história.

Terrorismo era antes palavra bem diferente, tecnicismo bélico cambiante como guerrilha que o Wolverine nalgum capítulo das Marvel Secret Wars, eram outros os tempos, definiu como exército dos povos pequenos.

A gargalhada ainda retumba no salão da minha casa ao ler este poema. Mas atendei que não por nada Leónidas, grande estratega entre o lacedemónios, escolheu 300 entre “os espartanos, todos com filhos” (pelo menos isso escreveu) Heródoto, para cortar a passagem à casa e deixar chacina e espanto entre os bárbaros.

\*\*

Sonha o amante ser amante

Ai, o adolescente namorado e hamletiano que se espelha e ritualiza em heróicos percursos imaginários, rotinas ideais, lentas e tranquilizadoras. Os grandes lascivos e covardes que fomos. Maravilha da evocação!

\*\*

Mas, olhai que “este é o inferno, isso.” Contemplai as prateleiras, o nosso diploma de doutor em filologia hispânica, as nossas teimas, a pele

ainda fresca da remuda do adolescente, contemplai os ventres volumosos, o presente que não foi e o passado imperfeito, traduzir e esses poemas não escritos a mulher, o filho, o ventre comprizado mesmo. Havia ser não Dylan Thomas, senão Joan Maragall (isto último digo eu, não o Mário)

\*\*

Este é o inferno

Salas imensas, torres de objectos, inúteis, cadáveres e sem memória, poesia americana e ibérica torturada do século XX.

\*\*

tenho uma mão cheia de moedas,  
Tenho uma garrafa de água

Uma garrafa que foi adaga, uma cheia de palavras que se acomodou em bares reflectindo-se. A Dark House publicou as peripécias acalmadas e bárbaras do vermelho Hellboy de Mike Mignola. Ele, como todos nós, contemplamos sem saber – e esquecemos – a responsabilidade da nossa mão destra, à vez chave do caos e da nossa escrita como direito a torcer os fados.

\*\*

Uma linha de ar é escória  
a seguinte são palavras de glória,  
duas, seis ou dez constroem o vento  
que perde a face no poema.

\*\*

Tenho linhas de ouro no peito  
e o sémen que me inunda os olhos  
tenho o espírito de uma velha  
a apurar os últimos instantes do paraíso.

Dous breves o 9 e 10 de radical expressão. Implacável. Perder face do poema sémen que inunda os olhos. Romper a tradição que, ousada, pretende doménhar mesmo ao poeta, arrastar com essas linhas de alvorada áurea o narrador omnisciente e se quer converter em forma clássica. Não.

Retumba-nos esse “ou dez” que precipita esses últimos versos em soberba, rebentando a moineira.

\*\*

Caminha o poeta polas ruas da cidade,  
uns papéis na mão esquerda

O poeta que caminha, papéis na mão, e na mão não destra! A condenação e o vagar na cartografia urbana do inferno. Chateaubriand, Verlaine, Rimbaud, Ponal não se sentiriam menos agoniados polo peso desses papéis.

\*\*

É digno de inveja o assassino  
Quando desenha o estigma no ventre do mártir  
O sangue construirá uma cruz gamada no chão  
E esse é o signo dos tempos.  
Recuperaremos o mundo  
e cobraremos vingança: rezaremos em silêncio  
perante a cruz de sangue, os nossos joelhos sabem  
por que beijam a terra.

Escachar cabeças, espetar ventres, sangue. O signo dos tempos televisivos que nos regalam cadáveres continua a ser uma cruz gamada de sangue no chão...e nós de joelhos bicando a terra aguentando, dissimulando e aguardando.

\*\*

Espanta esse gesto autoritário

Talvez o que mais a mim me espanta. Esse aceno feixista, esse pronto bronco que se cola nos olhares, nos índices e nas palavras, desta aparente democracia. Todos fazendo que são cegos. Como se nesse fundo eterno de valeiros e silêncios casenhos e herdados que acocham as salas fechadas da nossa memória colectiva, os cadáveres dos uns fossem ainda troféus noutras paredes.

\*\*

Um pouco de sangue entre os lençóis,  
As mãos oferecendo algumas lágrimas.

Na rua já queimam os livros,  
A arder, a arder

«Les Révoltes logiques». A paixão civil e a razão. O libertário que se espanta e se forma na leitura e com petas por guia, reflecte sobre a história e a barbárie.

Ah, Jacques Rancière «maitre ignorant» e subversivo, pó e vento. Povo e infância contra escola e pátria propatriamori e ser massacrado. Cavalgar, sede de cavalgar, deserto e lume, tuaregues, cadáveres na areia, há mil anos, e cento, e quinze, e hoje também.

\*\*

A casa egoísta tinha nome de país,  
Tinha nome de cultura, tinha nome  
De língua de religião, de literatura.

De tudo o que ata – disse o grego Zorba – é boa cousa liberar-se: se foste quem de desatares uma corda, para que atar-se a outra.

Casa queimada que absorve tudo e devora na sua lapa todo nome - Apenas a mão de uma anarquista deixou apenas com um nome. Terra ingrata, porca que como disse Joyce de outra verde terra, que trata de devorar e expelê seus filhos.

\*\*

Essa coluna é a trave de Deus  
Mantendo em pé o edifício: estamos mortos

De ouro ou alcatrão é mesmo, sustem um tecto que nos encerra e atafega, sem céu à vista. Voltar-se – sem qualquer esperança – para a água onde o peixe azul, a baleia mítica crunhesa que pinta Lugrís, quem raio sabe que pesadelo libertador, nos aguarda.

\*\*

Os cães que vivem  
Por cima do meu crânio

Ferrim disse no seu “Contra Maqueiro” que na Ibéria (apenas para ridiculizar os que bicam o cu pola lapela lusa a Pessoa) que nunca ninguém fizera pedir cantar um pau num verso como Afonso Romano de Sant’Anna.

O Mário, precursor (que senão achara contradiziria ironista ao de Vilanova dos Infantes) e cheio de raiva estraga-nos o erotismo deixando passagem a uma corrida de cães de línguas húmidas com “falos que cantam a canção do ódio”. Uivam os cães, Rosália cavalga para a beira do mar em despedida e o poeta aguenta o seu ódio sonhando assassino trás a janela.

\*\*

Tenho o estigma cravado no meu ventre:  
Não deixes nunca que o filho  
Se erga sobre as duas pernas

Que terror polo presente, polo futuro temos encravados na nossa fragilidade. Com que jeito absurdo as responsabilidades nos atingiram ao descuido.

\*\*

Heroína, capital

Paisagens adolescentes de bairros proletários, gineas inteiras de labregos constringidas em blocos grisalhos de tijolos. Uma Crunha de moços zombies que apodreciam, geração anterior quase inteira da nossa, com quem se pactuou por anos e a câmbio de moedas, circular certas praças. Tempos e medo em que medramos. Contemplando rua abaixo, rua arriba, procissão de mortos, arrastando as pernas. Algum se juntou à companhia.

Heroína, alienação, balbuciar absurdo e vidas queimadas. Anos que se passam para ver como corre na rua capital, especulação urbana e medre que seguiu, permanecendo sentinela. Capital, alienação, balbuciar absurdo e vidas queimadas. Um dos mais logrados, com o que segue:

\*\*

Em jogo de drama elevarás os olhos  
E a luz será ferida na tua pele,  
Será lume abrindo a vida através de algum verso  
Ou incidente quotidiano, catástrofe ridícula  
Para satisfeitos ou amantes, mestres  
De línguas menores e paixões mínimas,  
Olhos de anho por mulheres sem alma,  
Por homens sem voz lágrimas de sexo,  
Em jogo de drama, em estratégia de derrota,  
A luz é ferida nos rostos dos que me seguem,

Dança da morte, poesia que nasce de tês palavras,  
Escasso vocabulário para sobreviver neste mundo  
De inverno, insensível às súplicas  
Da música dos desesperados: nunca será ferida  
Na pele dos que derrotam, os que comigo estão  
Certificando sem piedade a catástrofe  
da minha vida, em burla de drama,  
em comédia menor mas com língua de deuses.

Certificaremos, ó Mário, certificaremos a comedia menor e ridiculista,  
e orgulhar-nos-emos do nosso analfabetismo e orfandade, mas com  
língua de deuses!

\*\*

Eu não quero esse deserto  
Que surge da minha boca

Também eu não queria mas, como surgia remoto e seco, como se as  
fontenlas aguardadas ao abrir os canais se apagassem, e em vez de água  
jorrasse um brado metálico e estranho de tubagens, fazendo-nos chamar  
antes polo silêncio.

\*\*

Na reconstrução de uma vida  
Surgem as mãos do poeta  
Mares imensos de impotência:  
Nos olhos que se erguem  
Verá a sua morte

A canteira de um poeta é a sua memória (isto não lembro onde li, mas  
foi na prosa de alguém de alto fôlego ou talvez roubei da voz amiga de  
Antón Capelán). Na nossa, contemplando tanto as nossas mão improdutivas  
há muitas bitácoras que apontam Mares imensos de impotência e  
visões de morte infértil.

\*\*

E dizes morte  
E eu compreendo  
Criação do poema  
Excremento das alimárias  
Que percorrem o teu corpo

Tu dizes, e eu compreendo.

\*\*

O que eu sou

A ironia, poderosa e cruel como espada. “Imenso ventre sobre duas pernas cansadas sobre dous pés inúteis” (mala cousa para nómada) neste Agosto da vida em que deveríamos ser felizes “democraticamente felizes”, neste cemitério espanhol a que cantaram como ninguém César Vallejo, Cernuda e Bergamín.

Essa síndrome de farsantes que nos persegue, nós habitantes de infernos, pola análise individual.

A nada tenho direito,  
Que sou um usurpador  
De espaços, um ladrão  
De momentos, um perversor  
de versos de outros, um  
plagiador sem vergonha

**Parte II**. Isso, sempre sobre *A vida extrema*.

Sempre?

Encabeça a reflexão Leopoldo Maria Panero. Destruitor e clássico.

El enemigo es el hombre  
Y soy  
Pastor del excremento  
Señor único de la nada  
Rey del viento  
Página en que ladra un perro

(Conversación)

\*\*

O que é a doença

Não é mais uma artimanha: dói. Como os anos e os espelhos, as bocas escancaradas, os menos fôlegos, as ressacas, as doenças que já não são

divertimentos, o caminhar dos nossos maiores, passo a passo ante os nossos olhos, nas nossas mãos, para a cova.

\*\*

Se esta fosse a minha língua  
Eu seria faca que corta as palavras  
e delimita as fronteiras dos sintagmas,

Se esta fosse a nossa língua..., nem isso, analfabetos funcionais, condenados a estar despossuídos de língua em que escrever. Enfrentar-se ao écran, ao papel ano após ano, geração e geração, reaprendendo constantemente uma língua que nunca será nossa, enquanto arrumamos outra, usurpadora, também imperfeita e inútil.

Que maldito, que intelectual europeu pode lamentar tamanho exílio, documentar tal roubo colectivo. Movimentamo-nos ridículos, tímidos sem língua, com as nossas vastas erudições expostas à crítica ortográfica infame, sabedores da suplantação e da nossa soberba, como monstros acromegálicos, vacilantes sobre as nossas curtas e frágeis extremidades.

\*\*

About it

Confundo os signos, os nomes, as palavras, os quartos. A intuição do poeta que adormece e esperta súbita e estranha. Confusa do letargo observando o labirinto.

About it II

Destruição sistemática, perseguição lenta das vidas que se apagam em descrição pormenorizada do medo que dá forma ao doente. Pessoas, cultura, língua, se evade como o percurso das crianças pelas ruas.

\*\*

O refugio é o nome de uma casa de putas  
Na estrada de Carvalho

Mui interessante e complexa a antítese. Filho da visceralidade com pensamento arrebatado contra Filho da altura, com pensamento pragmático. Entremeio uma revisão dos temas do poemário, com um salto em que se contempla a destruição do poema e se percebe que já não há tecto sobre a cabeça.

\*\*

### Lógica poética

Raiva que coalha em desejo mesmo de nos ferir, procura constante de farsantes. Qual lógica?

\*\*

Quando a ira me invade  
Tenho face de corvo  
E as minhas mãos são de areia,  
Sou amo das facas e versos,  
E as paredes quebram-se como papel  
Na minha presença,  
Quando a ira me inunda tenho a face de areia  
E as minhas mãos são de corvo.

Sem comentário ou com o comentário inteiro que é pórtico. Desejo a pureza que se nos negou no tempo dos cabrões:

Os lábios de uma velha selarão o apocalipse:  
homens medíocres ocuparão âmbitos pútridos  
e os desalmados descerão do céu.  
Com o ventre aberto observarei o rio seco.  
Destas mãos já mais nada sairá:  
escrever com sangue aquele Evangelho.  
Ler em sangue por fim um livro.  
Um livro por fim fechado.  
Benções para os desesperados.  
Os avisos chegam  
mas ninguém parece escutá-los:  
chegará o poder negro  
que vos aniquile da terra. É justo.  
Horas de matança são necessárias.  
Desejo a pureza que se me negou.  
Quero ser uma virgem saindo da água.  
Quero estar presente quando queimem as cruces.  
Quero ser um morto quando Deus por fim se ajoelhe.  
Porque não pude ser a sombra de Peter Pan?  
Ai daqueles que não sabem balbuciar,  
mal irão buscar o sangue e a demência  
nos versos do filho que mora entre os muros de pedra  
pois não há duas linhas de vento iguais  
nas ruas medíocres desta vigília:

mal irão buscar a clemência  
nas faces daqueles que conhecem a morte.  
E não saberão ler. Já o sabemos.  
O discurso limpo passará por cima de nós.  
Passará. Vozes limpas para a tortura.  
Vozes limpas que chegam do mais fundo.  
Por nós. Por nós. Para a nossa aniquilação.  
Balbucio para imitar jogo.  
Não, não, os satisfeitos não sabem.  
Os satisfeitos são.  
Comem e fodem.  
Este é o tempo dos cabrões.  
Sei-o desde esta dor tão real.  
Um nada de sangue  
que entra na água  
e lhe dá cor.

\*\*

### Porfíria

ver como apodrece a pele, como  
se afundem os olhos, como  
fedem as vísceras e caem as unhas,  
o cabelo, as palavras, os dias,  
todos os dias, todos os dias,  
observar incrédulo a degradação do meu corpo  
e sentir sempre o desejo,  
uma sede infinita, o frio nos ossos e  
a tua face no espelho  
a recusar a minha presença  
no vazio da tua memória  
beberei do teu corpo  
comerei da tua alma  
será o meu alimento  
o sumo que mana dos teus braços  
comerei do teu corpo  
beberei da tua alma  
e serei o teu alimento  
o vazio que espera ao final da memória

O espelho. Um espelho compartilhado. Um poema amoroso de altura, físico e com vazio por fundo, mas entanto alimento e promessa de memória.

\*\*

Porfíria  
(variação)

beberei do teu corpo  
comerei da tua alma  
e serei da matéria que forma  
a estrutura maldita do poema

Os poemas por que eu aguardo.

\*\*

na caverna do meu estômago  
no vácuo do meu crânio  
uma ossamenta de metal  
e as roupas que fedem  
o inimigo é o homem

O inimigo é o homem. Nós somos homens e inimigos. Mas os outros homens são apenas homens também, com cavernas que encher, abóbdas cranianas e frágeis ossos de metal e roupas que fedem.

O inimigo é muito, mas é homem.

\*\*

Deixarei cair os meus óculos,  
e amarei essa visão incerta  
[...]  
aqui, neste quarto em silêncio,  
longe da biblioteca,  
[...]  
e, por fim, tentarei ver  
os porquês da minha cegueira

\*\*

auto-retrato

Poemário inteiro. Auto-retrato. Eu não sou poeta, o meu ventre é menor talvez, mas sou nómada, cresci nesse mesmo inverno e estou farto, com cansaça nos ossos e perplexo.

Por isso a poesia e auto-retrato do Mário me mancam como espelho.